CAUSAS

DA DECADENCIA

DOS

POVOS PENINSULARES

nos ultimos tres seculos.

Discurso pronunciado na noite de 27 de Maio, na sala do Casino Lisbonense

POR

Anthero do Quental.

PORTO

NA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL
rua de Bellomonte, 19

1871

CONFERENCIAS DEMOCRATICAS

CAUSAS

DA DECADENCIA

DOS

POVOS PENINSULARES

nos ultimos tres seculos.

Discurso pronunciado na noite de 27 de Maio, na sala do Casino Lisbonense

POR

Anthero do Quental.

PORTO
NA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL
rua de Bellomonte, 19
1871

Meus Senhores:

A decadencia dos povos da Peninsula nos tres ultimos seculos é um dos factos mais incontestaveis, mais evidentes da nossa historia: pode até dizer-se que essa decadencia, seguindo-se quasi sem transição a um periodo de força gloriosa e de rica originalidade, é o unico grande facto evidente e incontestavel que n'essa historia apparece aos olhos do historiador philosopho. Como peninsular, sinto profundamente ter de affirmar, n'uma assemblea de peninsulares, esta desalentadora evidencia. Mas, se não reconhecermos e confessarmos francamente os nossos erros passados, como poderemos aspirar a uma emenda sincera e definitiva? O peccador humilha-se diante do seu Deos, n'um sentido acto de contrição, e só assim é perdoado. Façamos nós tambem, diante do espirito de verdade, o acto de contrição pelos nossos peccados historicos, por que só assim nos poderemos emendar e regenerar.

Conheço quanto é delicado este assumpto, e sei que por isso dobrados deveres se impoem á minha critica. Para uma assemblea de estrangeiros não passára esta d'uma these historica, curiosa sim para as intelli-

gencias, mas fria e indifferente para os sentimentos pessoaes de cada um. N'uma auditorio de peninsulares, não é porém assim. A historia dos ultimos tres seculos perpetua-se ainda hoje entre nós em opiniões, em crenças, em interesses, em tradições, que a representam na nossa sociedade, e a tornam d'algum modo actual. Ha em nós todos uma voz intima que protesta em favor do passado, quando alguem o ataca: a razão póde condemnal-o: o coração tenta ainda absolvel-o. É que nada ha no homem mais delicado, mais melindroso do que as illusões: e são as nossas illusões o que a razão critica, discutindo o passado, offende sobre tudo em nós.

Não posso pois appellar para a fraternidade das ideas: conheço que as minhas palavras não devem ser bem aceitas por todos. As ideas, porém, não são felizmente o unico laço com que se ligam entre si os espiritos dos homens. Independente d'ellas, senão acima d'ellas, existe para todas as consciencias rectas, sinceras, leaes, no meio da maior divergencia de opiniões, uma fraternidade moral, fundada na mutua tolerancia e no mutuo respeito, que une todos os espiritos n'uma mesma communhão—o amor e a procura desinteressada da verdade. Que seria dos homens se, acima dos impetos da paixão e dos desvarios da intelligencia, não existisse essa região serena da concordia na boa fé e na tolerancia reciproca! uma região aonde os pensamentos mais hostis se podem encontrar, estendendo-se lealmente a mão, e dizendo uns para os outros com um sentimento humano e pacifico: *és uma consciencia convicta!* É para essa communhão moral que eu appello. E appello para ella confiadamente, por que sentindo-me dominado por esse sentimento de respeito e caridade universal, não posso crer que haja aqui alguem que duvide da minha boa fé, e se recuse a acom-

nhar-me n'este caminho de lealdade e tolerancia.

Já o disse ha dias, inaugurando e explicando o pensamento d'estas Conferencias: não pretendemos *impor* as nossas opiniões, mas simplesmente *expol-as:* não pedimos a adhesão das pessoas que nos escutam; pedimos só a discussão: essa discussão longe de nos assustar, é o que mais desejamos; por que, ainda que d'ella resultasse a condemnação das nossas ideas, com tanto que essa condemnação fosse justa e intelligente, ficariamos contentes, tendo contribuido, posto que indirectamente, para a publicação de algumas verdades. São prova da sinceridade d'este desejo aquelles logares e aquellas mezas, destinadas particularmente aos jornalistas, aonde podem tomar nota das nossas palavras, tornando-lhes nós assim franca e facil a contradicção.

Meus Senhores: a Peninsula, durante os seculos 17, 18 e 19, apresenta-nos um quadro de abatimento e insignificancia, tanto mais sensivel quanto contrasta dolorosamente com a grandeza, a importancia e a originalidade do papel que desempenhámos no primeiro periodo da Renascença, durante toda a Idade Media, e ainda nos ultimos seculos da Antiguidade. Logo na epoca romana apparecem os caracteres essenciaes da raça peninsular: espirito de independencia local, e originalidade de genio inventivo. Em parte alguma custou tanto á dominação romana o estabelecer-se, nem chegou nunca a ser completo esse estabelecimento. Essa personalidade independente mostra-se claramente na litteratura, aonde os hespanhoes Lucano, Seneca, Marcial, introduzem no latim um estylo e uma feição inteiramente peninsulares, e singularmente caracteristicos. Eram os pronuncios da viva originalidade que hia apparecer nas epocas seguintes. Na Idade Media a Peninsula, livre de estranhas influencias, brilha na plenitude do seu genio, das suas qualidades naturaes. O instincto

politico de descentralisação e federalismo patenteia-se na multiplicidade de reinos e condados soberanos, em que se divide a Peninsula, como um protesto e uma victoria dos interesses e energias locaes, contra a unidade uniforme, esmagadora e artificial. Dentro de cada uma d'essas divisões, as Communas, os Foraes, localisam ainda mais os direitos, e manifestam e firmam com um sem numero de instituições, o espirito independente e autonomico das populações. E esse espirito não é só independente: é, quanto a epoca o comportava, singularmente democratico. Entre todos os povos da Europa central e occidental, somente os da Peninsula escaparam ao jugo de ferro do feudalismo. O espectro torvo do castello feudal não assombrava os nossos valles, não se enclinava, como uma ameaça, sobre a margem dos nossos rios, não entristecia os nossos horizontes com o seu perfil duro e sinistro. Existia, certamente, a nobreza, como uma ordem distincta. Mas o foro nobiliario generalisára-se tanto, e tornára-se de tão facil accesso, n'aquelles seculos heroicos de guerra incessante, que não é exagerada a expressão d'aquelle poeta que nos chamou, a nós hespanhoes, um *povo de nobres*. Nobres e populares uniam-se por interesses e sentimentos, e diante d'elles a coroa dos reis era mais um symbolo brilhante do que uma realidade poderosa. Se n'essas idades ignorantes a idea do Direito era obscura e mal definida, o instincto do Direito agitava-se energico nas consciencias, e as acções surgiam viris como os caracteres.

A taes homens não convinha mais o despotismo religioso do que o despotismo politico: a oppressão espiritual repugnava-lhes tanto como a sujeição civil. Os povos peninsulares são naturalmente religiosos: são-no até d'uma maneira ardente, exaltada e exclusiva, e é esse um dos seus caracteres mais pronunciados. Mas

o ao mesmo tempo inventivos e independentes: adom com paixão: mas só adoram aquillo que elles mesos criam, não aquillo que se lhes impõe. Fazem a região, não a acceitam feita. Ainda hoje duas terças pars da população hespanhola ignora completamente os ogmas, a theologia e os mysterios christãos: mas adoa fielmente os santos padroeiros das suas cidades: por ue? por que os conhece, por que os fez. O nosso geio é criador e individualista: precisa rever-se nas suas riações. Isto (junto á falta de cohesão do maquinismo catholico da Idade-media, ainda mal definido e pouco desciplinado pela inexoravel escola de Roma) explica suficientemente a independencia das igrejas peninsulares, e a attitude altiva das coroas da Peninsula diante da curia romana. Os Papas eram já muito: mas os bispos e as cortes eram ainda bastante. Para as pretenções italianas havia um *não* muito franco e muito firme. E essa resistencia não saía apenas da vontade e do interesse de alguns: saía do impulso incontrastavel do genio popular. Esse genio criador via-se no apparecimento de rituaes indigenas, n'uma singular liberdade de pensamento e interpretação, e em mil originalidades de disciplina. Era o sentimento christão, na sua expressão viva e humana, não formal e inintelligente: a charidade e a tolerancia tinham um logar mais alto do que a theologia dogmatica. Essa tolerancia pelos Mouros e Judeus, raças infelizes e tão meritorias, será sempre uma das glorias do sentimento christão da Peninsula na Idade Media. A charidade triumphava das repugnancias e preconceitos de raça e de crença. Por isso o seio do povo era fecundo; saiam d'elle Santos, individualidades á uma ingenuas e sublimes, symbolos vivos da alma popular, e cujas singelas historias ainda hoje não podemos ler sem internecimento.

No mundo da intelligencia não é menos notavel

a expansão do espirito peninsular durante a Idade-media. O grande movimento intellectual da Europa medieval comprehende a Philosophia escolastica e a Theologia, as creações nacionaes dos Cyclos epicos, e a Architectura. Em nada d'isto se mostrou a Peninsula inferior ás grandes nações cultas, que haviam recebido a herança da civilisação romana. Démos á Escola philosophos como Raimundo Lulio; á Igreja, theologos e papas, um d'estes portuguez, João XXI. As escolas de Coimbra e Salamanca tinham uma celebridade europea: nas suas aulas viam-se estrangeiros de distincção, atrahidos pela fama dos seus doutores. Entre os primeiros homens do seculo 13.° está um monarca hespanhol, Afonso o Sabio, espirito universal, philosopho, politico e legislador. Nem posso tambem deixar esquecidos os Mouros e Judeus, porque foram uma das glorias da Peninsula. A reforma da Escolastica, nos seculos 13.° e 14.°, pela renovação do aristotelismo, foi obra quasi exclusiva das escolas arabes e judaicas de Hespanha. Os nomes de Averroes (de Cordova) de Ibn-Tophail (de Sevilha) e os dos judeus Maimonides e Avicebron serão sempre contados entre os primeiros na historia da philosophia na Idade Media. Ao pé da philosophia, a poesia. Para oppor aos Cyclos epicos da Tavola redonda, de Carlos Magno e do Santo Graal, tivemos aquelle admiravel Romancero, as lendas do Cid, dos Infantes de Lara, e tantas outras, que se teriam condensado em verdadeiras epopeas, se o espirito classico da Renascença não tivesse vindo dar á Poesia uma outra direcção. Ainda assim, grande parte, a melhor parte talvez, do Theatro hespanhol saio da mina inexgotavel do Romancero. Para oppor aos trovadores provençaes, tivemos tambem trovadores peninsulares. Dos nossos reis e cavalleiros trovaram alguns com tanto primor como Bel-

trão de Born ou o conde de Tolosa. Quanto á Architectura, basta lembrar a Batalha e a Cathedral de Burgos, duas das mais bellas rozas gothicas desabrochadas no seio da Idade Media. Em tudo isto acompanharamos a Europa, a par do movimento geral. N'uma coisa, porem, a excedemos, tornando-nos iniciadores: os estudos geographicos e as grandes navegações. As descobertas, que coroaram tão brilhantemente o fim do seculo 15.º, não se fizeram ao acaso. Precedeu-as um trabalho intellectual, tão scientifico quanto a epocha o permittia, inaugurado pelo nosso infante D. Henrique, n'essa famosa escola de Sagres, de aonde saiam homens como aquelle heroico Bartholomeu Dias, e cuja influencia, directa ou indirectamente, produzio um Magalhães e um Colombo. Foi uma onda, que levantada aqui, cresceu até ir rebentar nas praias do novo mundo. Viu-se de quanto era capaz a intelligencia e a energia peninsular. Por isso a Europa tinha os olhos em nós, e na Europa a nossa influencia nacional era das que mais pesavam. Contava-se para tudo com Portugal e Hespanha. O Santo Imperio allemão offerece a orgulhosa coroa imperial a um rei de Castella, Afonso o Sabio. No seculo 15.º, D. João 1.º arbitro em varias questões internacionaes, é geralmente considerado, em influencia e capacidade, como um dos primeiros monarcas da Europa. Tudo isto nos prepára para desempenharmos, chegada a Renascença, um papel glorioso e preponderante. Desempenhamol-o, com effeito, brilhante e ruidoso: os nossos erros, porem, não consentiram que fosse tambem duradoiro e proficuo. Como foi que o movimento regenerador da Renascença, tao bem preparado, abortou entre nós, mostral-o-hei logo com factos decisivos. Esse movimento só foi entre nós representado por uma geração de homens superiores,

a primeira. As seguintes, que o deviam consolidar, fanatizadas, entorpecidas, impotentes, não souberam comprehender nem praticar aquelle espirito tão alto e tão livre: desconheceram-no, ou combateram-no. Houve, porem, uma primeira geração, que respondeu ao chamamento da Renascença; e em quanto essa geração occupou a scena, isto é, até ao meado do seculo 16.º, a Peninsula conservou-se á altura d'aquella epoca extraordinaria de criação e liberdade de pensamento. A renovação dos estudos, recebeu-a nas suas universidades novas ou reformadas, aonde se explicavam os grandes monumentos litterarios da antiguidade, muitas vezes na propria lingua dos originaes. Entre as 43 Universidades estabelecidas na Europa durante o seculo XVI, 14 foram fundadas pelos reis de Hespanha. A philosophia neo-platonica, que substituia por toda a parte a velha e gasta Escolastica, foi adoptada pelos espiritos mais eminentes. Um estylo e uma litteratura nova surgio com Camões, com Cervantes, com Gil Vicente, com Sá de Miranda, com Lope de Vega, com Ferreira. Démos ás escolas da Europa sabios como Miguel Servet, precursor de Harvey, philosophos como Sepulveda, um dos primeiros peripateticos do tempo, e o portuguez Sanches, mestre de Montaigne. A familia dos humanistas, verdadeiramente caracteristica da Renascença, foi representada entre nós por André de Resende, por Diogo de Teive, pelo bispo de Tarragona, Antonio Augustin, por Damião de Goes, e por Camões, cuja inspiração não excluia uma erudição quasi universal. Finalmente, a Arte peninsular ergue n'essa epoca um vôo poderoso, com a architectura chamada manuelina, creação d'uma originalidade e graça surprehendentes, e com a brilhante escola de pintura hespanhola, imortalisada por artistas como Murillo, Velasquez, Ribera. Fora da patria guer-

reiros illustres mostravam ao mundo que o valor dos povos peninsulares não era inferior á sua intelligencia. Se as causas da nossa decadencia existiam já latentes, nenhum olhar podia ainda então descubril-as: a gloria, e uma gloria merecida, só dava logar á admiração.

D'este mundo brilhante, criado pelo genio peninsular na sua livre expansão, passâmos quasi sem transição para um mundo escuro, inerte, pobre, inintelligente e meio desconhecido. Dir-se-ha que entre um e outro se metteram dez seculos de decadencia: pois bastaram para essa total transformação 50 ou 60 annos! Em tão curto periodo era impossivel caminhar mais rapidamente no caminho da perdição.

No principio do seculo 17.º, quando Portugal deixa de ser contado entre as nações, e se desmorona por todos os lados a monarquia anomala, inconsistente e desnatural de Filippe 2.º; quando a gloria passada já não pode encubrir o ruinoso do edificio presente, e se afunde a Peninsula sob o peso dos muitos erros accumulados, então apparece franca e patente por todos os lados a nossa improcrastinavel decadencia. Apparece em tudo; na politica, na influencia, nos trabalhos da intelligencia, na economia social e na industria, e como consequencia de tudo isto, nos costumes. A preponderancia, que até então exerceramos nos negocios da Europa, desapparece para dar logar á insignificancia e á impotencia. Nações novas ou obscuras erguem-se, e conquistam no mundo, á nossa custa, a influencia de que nos mostrâmos indignos. A coroa de Hespanha é posta em leilão sangrento no meio das nações, e adjudicada, no fim de doze annos de guerra, a um neto de Luiz 14.º Com a dynastia estrangeira começa uma politica anti-nacional, que envilece e desacredita a monarchia. E esse

rei estrangeiro custa á Hespanha a perda de Napoles, da Sicilia, do Milanez, dos Paizes Baixos! Em Portugal, é a influencia ingleza, que, por meio de cavilosos tratados, faz de nós uma especie de colonia britanica. Ao mesmo tempo as nossas proprias colonias escapam-nos gradualmente das mãos: as Moluccas passam a ser hollandezas; na India lutam sobre os nossos despojos hollandezes, inglezes e francezes: na China e no Japão desapparece a influencia do nome portuguez: Portuguezes e Hespanhoes, vamos de seculo para seculo minguando em extensão e importancia, até não sermos mais do que duas sombras, duas nações espectros, no meio dos povos que nos rodeiam!.. E que tristissimo quadro o da nossa politica interior! Ás liberdades municipaes, á iniciativa local das Communas, aos Foraes, que davam a cada população uma phisionomia e vida proprias, succede a centralisação, uniforme e esterilisadora. A realeza, deixa então de encontrar uma resistencia e uma força exterior que a equilibre, e transforma-se no puro absolutismo; esquecendo a sua origem e a sua missão, crê ingenuamente que os povos não são mais do que o patrimonio providencial dos reis. O peior é que os povos acostumam-se a crel-o tambem! Aquelle espirito de independencia, que inspirava o firme *si no, no!* da Idade media, adormece e morre no seio popular. O povo emmudece; negam-lhe a palavra, fechando-lhe as Cortes; não o consultam, nem se conta já com elle. Com quem se conta é com a aristocracia palaciana, com uma nobreza corteză, que cada vez se separa mais do povo pelos interesses e pelos sentimentos, e que, de classe, tende a transformar-se em casta. Essa aristocracia, como um embaraço na circulação do corpo social, impede a elevação natural d'um elemento novo, elemento essencialmente moderno, a classe media, e contraria as-

sim todos os progressos ligados a essa elevação. Por isso decae tambem a vida economica: a producção decresce, a agricultura recua, estagna-se o commercio, deperecem uma por uma as industrias nacionaes; a riqueza, uma riqueza faustosa e esteril, concentra-se em alguns pontos excepcionaes, em quanto a miseria se alarga pelo resto do paiz: a população, decimada pela guerra, pela emigração, pela miseria, diminue d'uma maneira assustadora. Nunca povo algum absorveu tantos thesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre! No meio d'essa pobreza e d'essa atonia, o espirito nacional desanimado e sem estimulos, devia cair naturalmente n'um estado de torpor e de indifferença. É o que nos mostra claramente esse salto mortal dado pela intelligencia dos povos peninsulares, passando da Renascença para os seculos 17.° e 18.° A uma geração de philosophos, de sabios e de artistas criadores, succede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores. Saimos d'uma sociedade de homens vivos, movendo-se ao ar livre: entramos n'um recinto acanhado e quasi sepulcral, com uma atmosphera turva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores. A poesia, depois da exaltação esteril, falsa, e artificialmente provocada do Gongorismo, depois da affectação dos conceitos (que ainda mais revelava a nullidade do pensamento), cae na imitação servil e inintelligente da poesia latina, n'aquella escola classica, pesada e fradesca, que é a antithese de toda a inspiração e de todo o sentimento. Um poema compõe-se doutoralmente, como uma dissertação theologica. Traduzir é o ideal: inventar, considera-se um perigo e uma inferioridade: uma obra poetica é tanto mais perfeita quanto maior numero de versos contiver traduzidos de Horacio, de Ovidio. Florescem a tragedia, a ode pindarica e o poema heroi-

comico, isto é, a affectação e a degradação da poesia. Quanto á verdade humana, ao sentimento popular e nacional, ninguem se preocupava com isso. A invenção e originalidade, n'essa epoca deploravel, concentra-se toda na discripção cynicamente galhofeira das miserias, das intrigas, dos expedientes da vida ordinaria. Os *Romances picarescos* hespanhoes, e as *Comedias populares* portuguezas, são os irrefutaveis actos de accusação, que, contra si mesma, nos deixou essa sociedade, cuja profunda desmoralisação tocava os limites da ingenuidade e da inocencia no vicio. Fóra d'esta realidade pungente, a litteratura official e palaciana, expraiava-se pelas regiões insipidas do discurso academico, da oração funebre, do panegirico encommendado—generos artificiaes, pueris, e mais que tudo soporificos. Com um tal estado dos espiritos, o que se podia esperar da Arte? Basta erguer os olhos para essas lugubres moles de pedra, que se chamam o Escurial e Mafra, para vermos que a mesma ausencia de sentimento e invenção, que produzio o gosto pesado e insipido do Classicismo, ergueu tambem as massas compactas, e friamente correctas na sua falta de expressão, da architectura jesuitica. Que triste contraste entre essas montanhas de marmore, com que se julgou attingir o grande, simplesmente por que se fez o monstruoso, e a construcção delicada, aerea, proporcional e, por assim dizer, espiritual dos Jeronymos, da Batalha, da cathedral de Burgos! O espirito sombrio e depravado da sociedade reflectio-o a Arte, com uma fidelidade desesperadora, que será sempre perante a historia uma incorruptivel testemunha de accusação contra aquella epoca de verdadeira morte moral. Essa morte moral não invadira só o sentimento, a imaginação, o gosto: invadira tambem, invadira sobre tudo a intelligencia. Nos ultimos dois seculos não produzio a Peninsula um unico

homem superior, que se possa pôr ao lado dos grandes criadores da sciencia moderna: não saio da Peninsula uma só das grandes descobertas intellectuaes, que são a maior obra e a maior honra do espirito moderno. Durante 200 annos de fecunda elaboração, reformà a Europa culta as sciencias antigas, cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a phisiologia, a chimica, a mechanica celeste, o calculo differencial, a critica historica, a geologia: apparecem os Newton, os Descartes, os Bacon, os Leibniz, os Harvey, os Bufon, os Ducange, os Lavoisier, os Vico—onde está, entre os nomes d'estes e dos outros verdadeiros heroes da epopea do pensamento, um nome hespanhol ou portuguez? que nome hespanhol ou portuguez se liga á descoberta d'uma grande lei scientifica, d'um systema, d'um facto capital? A Europa culta engrandeceu-se, nobilitou-se, subiu sobre tudo pela sciencia: foi sobre tudo pela falta de sciencia que nós descemos, que nos degradámos, que nos annullámos. A almà moderna morrêra dentro em nós completamente.

Pelo caminho da ignorancia, da oppressão e da miseria chega-se naturalmente, chega-se fatalmente, á depravação dos costumes. E os costumes depravaram-se com effeito. Nos grandes, a corrupção faustosa da vida de corte, aonde os reis são os primeiros a dar o exemplo do vicio, da brutalidade, do adulterio: Affonso VI, João V, Philippe V, Carlos IV. Nos pequenos, a corrupção hipocrita, a familia do pobre vendida pela miseria aos vicios dos nobres e dos poderosos. É a epoca das amasias e dos filhos bastardos. O que era então a mulher do povo, em face das tentações do ouro aristocratico, vê-se bem no escandaloso Processo de nullidade de matrimonio de Affonso VI, e nas Memorias do cavalleiro de Oliveira. Ser rufião é um officio geralmente admittido, e que se pratica com aproveitamento na pro-

pria corte. A religião deixa de ser um sentimento vivo; torna-se uma pratica inintelligente, formal, mechanica. O que eram os frades, sabemol-o todos: os costumes picarescos e ignobeis d'essa classe são ainda hoje memorados pelo Decamerone da tradição popular. O peor é que esses histriões tonsurados eram ao mesmo tempo sanguinarios. A Inquisição pesava sobre as consciencias como a abobada d'um carcere. O espirito publico abaixava-se gradualmente sob a pressão do terror, em quanto o vicio, cada vez mais requintado, se apossava placidamente do logar vasio que deixava nas almas a dignidade, o sentimento moral e a energia da vontade pessoal, esmagados, destruidos pelo medo. Os *Casuistas* dos seculos 17.º e 18.º deixaram-nos um vergonhoso monumento do requinte bestial de todos os vicios, da depravação das imaginações, das miserias intimas da familia, da perdição de costumes, que corria aquellas sociedades deploraveis. Isto por um lado: por que, pelo outro, os *Casuistas* mostram-nos tambem a que abaixamento moral chegára o espirito do clero, cavando todos os dias esse lodo, revolvendo com afinco, com predilecção, quasi com amor, aquelle montão graveolente de abjecções. Todas essas miserias intimas reflectem-se fielmente na litteratura. O que era no seculo 17.º a moral publica, as intrigas politicas, o nepotismo cortezão, o roubo audaz ou subrepticio da riqueza publica, vê-se (e com todo o relevo d'uma penna sarcastica e inexoravel) na *Arte de Furtar* do P.e Antonio Vieira. Em quanto aos documentos para a historia da familia e dos costumes privados, encontramol-os na *Carta de Guia de Casados* de D. Francisco Manuel, nas *Farças populares* portuguezas, e nos *Romances picarescos* hespanhoes. O espirito peninsular descêra de degrau em degrau, até ao ultimo termo da depravação!

Taes temos sido nos ultimos tres seculos: sem vida, sem liberdade, sem riqueza, sem sciencia, sem invenção, sem costumes. Erguemo-nos hoje a custo, hespanhoes e portuguezes, d'esse tumulo onde os nossos grandes erros nos tiveram sepultados: erguemo-nos, mas os restos da mortalha ainda nos embaraçam os passos, e pela palidez dos nossos rostos pode bem ver o mundo de que regiões lugubres e mortaes chegâmos resuscitados! Quaes as causas d'essa decadencia, tão visivel, tão universal, e geralmente tão pouco explicada? Examinemos os phenomenos, que se deram na Peninsula durante o decurso do seculo 16.°, periodo de transição entre a Idade-Media e os tempos modernos, e em que apparecem os germens, bons e maus, que mais tarde, desenvolvendo-se nas sociedades modernas, deram a cada qual o seu verdadeiro caracter. Se esses phenomenos forem novos, universaes, se abrangerem todas as espheras da actividade nacional, desde a religião até á industria, ligando-se assim intimamente ao que ha de mais vital nos povos — estarei auctorisado a empregar o argumento (n'este caso, rigorosamente logico) *post hoc, ergo propter hoc*, e a concluir que é n'esses novos phenomenos que se devem buscar e encontrar as causas da decadencia da Peninsula.

Ora esses phenomenos capitaes são tres, e de tres especies: um moral, outro politico, outro economico. O primeiro é a transformação do *Catholicismo*, pelo concilio de Trento. O segundo, o estabelecimento do *Absolutismo*, pela ruina das liberdades locaes. O terceiro, o desenvolvimento das *Conquistas* longiquas. Estes phenomenos assim agrupados, comprehendendo os tres grandes aspectos da vida social, o *pensamento*, a *politica* e o *trabalho*, indicam-nos claramente que uma profunda e universal revolução se operou, durante o seculo 16.°, nas sociedades peninsulares. Essa revolução

foi funesta, funestissima. Se fosse necessaria uma contraprova, bastava considerarmos um facto contemporaneo muito simples: esses tres phenomenos eram exactamente o opposto dos tres factos capitaes, que se davam nas nações que lá fora cresciam, se moralisavam, se faziam intelligentes, ricas, poderosas, e tomavam a dianteira da civilisação. Aquelles tres factos civilisadores foram a *liberdade moral*, conquistada pela Reforma ou pela Philosophia: a elevação da *classe media*, instrumento do progresso nas sociedades modernas, e directora dos reis, até ao dia em que os destronou: a *industria*, finalmente, verdadeiro fundamento do mundo actual, que veio dar ás nações uma concepção nova do Direito, substituindo o trabalho á força, e o commercio á guerra de conquista. Ora, a *liberdade moral*, appellando para o exame e a consciencia individual, é rigorosamente o opposto do Catholicismo do concilio de Trento, para quem a razão humana e o pensamento livre são um crime contra Deos: a *classe media*, impondo aos reis os seus interesses, e muitas vezes o seu espirito, é o opposto do Absolutismo, esteiado na aristocracia e só em proveito d'ella governando: a *industria*, finalmente, é o opposto do Espirito de conquista, antipathico ao trabalho e as commercio.

Assim, em quanto as outras nações subiam, nós baixavamos. Subiam ellas pelas virtudes modernas; nós desciamos pelos vicios antigos, concentrados, levados ao summo grau de desenvolvimento e applicação. Baixavamos pela industria, pela politica. Baixavamos, sobre tudo, pela religião.

Da decadencia moral é esta a causa culminante! O Catholicismo do concilio de Trento não inaugurou certamente no mundo o despotismo religioso: mas organisou-o d'uma maneira completa, poderosa, formidavel, e até então desconhecida. N'este sentido, póde di-

zer-se que o Catholicismo, na sua forma definitiva, immobilisado e intolerante, data do seculo 16.º As tendencias, porém, para esse estado vinham já de longe; nem a Reforma significa outra coisa senão o protesto do sentimento christão, livre e independente, contra essas tendencias auctoritarias e formalisticas. Essas tendencias eram logicas, e até certo ponto legitimas, dada a interpretação e organisação romana da religião christã: não o eram, porém, dado o sentimento christão na sua pureza virginal, fóra das condições precarias da sua realisação politica e mundana, o sentimento christão, n'uma palavra, no seu dominio natural, a consciencia religiosa. E' necessario, com effeito, estabelecermos cuidadosamente uma rigorosa distincção entre *christianismo* e *catholicismo*, sem o que nada comprehenderemos das evoluções historicas da religião christã. Se não ha christianismo fóra do gremio catholico (como asseveram os theologos, mas como não pode nem quer aceitar a razão, a equidade e a critica) n'esse caso teremos de recusar o titulo de christãos aos lutheranos, e a todas as seitas saidas do movimento protestante, em quem todavia vive bem claramente o espirito evangelico. Digo mais, teremos de negar o nome de christãos aos apostolos e evangelistas, por que n'essa epoca o catholicismo estava tão longe no futuro, que nem ainda a palavra *catholico* fôra inventada! E' que realmente o christianismo existio e póde existir fóra do catholicismo. O christianismo é sobre tudo um *sentimento:* o catholicismo é sobre tudo uma *instituição*. Um vive da fé e da inspiração: o outro do dogma e da disciplina. Toda a historia religiosa, até ao meado do seculo 16.º, não é mais do que a transformação do *sentimento christão* na *instituição catholica*. A Idade-Media é o periodo da transição: ha ainda um, e o outro apparece já. Equilibram-se. A unidade vê-se, faz-se sentir, mas não che-

ga ainda a soffocar a vida local e autonomica. Por isso é tambem esse o periodo das Igrejas nacionaes. As da Peninsula, como todas as outras, tiveram, durante a Idade-Media, liberdades e iniciativa, concilios nacionaes, disciplina propria, e uma maneira sua de sentir e praticar a religião. D'aqui, dois grandes resultados, fecundos em consequencias beneficas. O dogma, em vez de ser *imposto*, era *aceito*, e, n'um certo sentido, criado: ora, quando a base da moral é o dogma, só pode haver boa moral deduzindo-a d'um dogma aceito, e até certo ponto criado, e nunca imposto. Primeira consequencia, de incalculavel alcance. O sentimento do dever, em vez de ser contradito pela religião, apoiava-se n'ella. D'aqui a força dos caracteres, a elevação dos costumes. Em segundo logar, essas Igrejas nacionaes, por isso mesmo que eram independentes, não precisavam oprimir. Eram tolerantes. A' sombra d'ellas, muito na sombra é verdade, mas tolerados em todo o caso, viviam Judeus e Moiros, raças intelligentes, industriosas, a quem a industria e o pensamento peninsulares tanto deveram, e cuja expulsão tem quasi as proporções d'uma calamidade nacional. Segunda consequencia, de não menor alcance do que a primeira. Se a Peninsula não era então tão catholica como o foi depois, quando queimava os Judeus e recebia do Geral dos Jesuitas o santo e a senha da sua politica, era seguramente muito mais christã, isto é, mais caridosa e moral, como estes factos o provam.

Rasga-se porem o seculo 16.º, tão prodigioso de revelações, e com elle apparece no mundo a Reforma, seguida por quasi todos os povos de raça germanica. Esta situação cria para os povos latinos, que se conservavam ligados a Roma, uma necessidade instante, que era ao mesmo tempo um grande problema. Tornava-se necessario responder aos ataques dos protestantes, mos-

trar ao mundo que o espirito religioso não morrera no seio das raças latinas, que debaixo da corrupção romana havia alma e vontade. Um grito unanime de *reforma* saio do meio dos representantes da orthodoxia, oppondo-se ao desafio, que, com a mesma palavra, haviam lançado ao mundo catholico Luthero. Zwingle, Œcolampado, Melanchthon e Calvino. Reis, povos, sacerdotes clamavam todos *reforma!* Mas aqui apparecia o problema: que especie de reforma? A opinião dos bispos e, em geral, das populações catholicas pronunciava-se no sentido d'uma reforma liberal, em harmonia com o espirito da epoca, chegando muitos até a desejar uma conciliação com os protestantes: era a opinião *episcopal*, representante das Igrejas nacionaes. Em Roma, porém, a solução, que se dava ao problema, tinha um bem differente caracter. O odio e a colera dominavam os corações dos successores dos apostolos. Repelia-se com horror a idêa de conciliação, da mais pequena concessão. Pensava-se que era necessario fortificar a orthodoxia, concentrando todas as forças, disciplinando e centralisando; impedernir a Igreja, para a tornar inabalavel. Era a opinião *absolutista*, representante do Papado. Esta opinião (para não dizer este partido) triumphou, e foi esse triumpho uma verdadeira calamidade para as nações catholicas. Nem era isso o que ellas desejavam, e o que pediram e sustentaram os seus bispos, lutando indefesos durante 16 annos contra a maioria esmagadora das criaturas de Roma! Pediam uma verdadeira reforma, sincera, liberal, em harmonia com as exigencias da epoca. O programma formulava-se em tres grandes capitulos fundamentaes. 1.° Independencia dos Bispos, autonomia das Igrejas nacionaes, inauguração d'um parlamentarismo religioso pela convocação amiudada dos Concilios, esses Estados Geraes do christianismo, superiores ao Papa e arbitros

supremos do mundo espiritual. 2.º O casamento para os padres, isto é, a secularisação progressiva do clero, a volta ás leis da humanidade d'uma classe votada durante quasi mil annos a um duro ascetismo, então talvez necessario, mas já no seculo 16.º absurdo, perigoso, desmoralisador. 3.º Restricções á pluralidade dos beneficios ecclesiasticos, abuso odioso, tendente a introduzir na Igreja um verdadeiro feudalismo com todo o seu póder e desregramento. D'estas reformas saía naturalmente a humanisação gradual da religião, a liberdade crescente das consciencias, e a capacidade para o christianismo de se transformar dia a dia, de progredir, de estar sempre á altura do espirito humano, resultado immenso e capital que trouxe a Reforma aos povos que a seguiram. Os graves prelados, que então combatiam pelas reformas que acabo de apresentar, não desejavam, certamente, nem mesmo previam estas consequencias: o proprio Luthero as não previo. Mas nem por isso as consequencias deixariam de ser aquellas. Bartholomeu dos Martyres e os bispos de Cadiz e Astorga não eram, seguramente, revolucionarios: representavam no concilio de Trento a ultima defesa e o protesto das Igrejas da Peninsula contra o Ultramontanismo invasor: mas a obra d'elles é que era, pelas consequencias, revolucionaria; e, trabalhando n'ella, estavam na corrente e no espirito do grande e emancipador seculo 16.º Se houvessem alcançado essa reforma, teriamos nós talvez, hespanhoes e portuguezes, escapado á decadencia. Quem póde hoje negar que é em grande parte á Reforma que os povos *reformados* devem os progressos moraes que os collocaram naturalmente á frente da Civilisação? Contraste significativo, que nos apresenta hoje o mundo! As nações mais intelligentes, mais moralisadas, mais pacificas e mais industriosas são exactamente aquellas que seguiram a revolução religiosa do seculo 16.º: Al-

lemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, Suissa. As mais decadentes são exactamente as mais catholicas! Com a Reforma estariamos hoje talvez á altura d'essas nações: estariamos livres, prosperos, intelligentes, moraes.... mas Roma teria caido!

Roma não queria cair. Por isso resistio longo tempo, illudio quanto pôde os votos das nações, que reclamavam a convocação do concilio reformador. Não podendo resistir mais tempo, cede por fim. Mas como o fez? como cedeu Roma, dominada desde então pelos Jesuitas? Estamos em Italia, meus senhores, no paiz de Machiavello!.. Eu não digo que Roma usasse deliberada e conscientemente d'uma politica machiavellica: não posso avaliar as intenções. Digo simplesmente que o parece; e que, perante a historia, a politica romana em toda esta questão do concilio de Trento apparece com um notavel caracter de habilidade e calculo... muito pouco evangelicos! Roma, não podendo resistir mais á idêa do concilio, explora essa idêa em proveito proprio. D'um instrumento de paz e progresso, faz uma arma de guerra e dominação; confisca o grande impulso reformador, e fal-o convergir em proveito do Ultramontanismo. Como? D'uma maneira simples: 1.º, dando só aos legados do papa o direito de propor reformas: 2.º, substituindo, ao antigo modo de votar *por nações*, o voto *por cabeças*, que lhe dá com os seus cardeaes e bispos italianos, criaturas suas, uma maioria compacta e resolvida sempre a esmagar, a *abafar* os votos das outras nações. Basta dizer que a França, a Hespanha, Portugal e os Estados catholicos da Allemanha nunca tiveram, juntos, numero de votos superior a 60, em quanto os italianos contavam 180, e mais! N'estas condições, o concilio deixava de ser universal: era simplesmente italiano; nem italiano, romano apenas! Desde o primeiro dia se pôde ver que a causa da re-

forma liberal estava perdida. Provocado para essa reforma, o concilio só servio contra ella, para a sophismar e annullar!

Composta e armada assim a maquina, vejamol-a trabalhar. Para sujeitar na terra o homem, era necessario fazel-o condemnar primeiro no ceu: por isso o concilio começa por estabelecer dogmaticamente, na sessão 5.ª, o *peccado original*, com todas as suas consequencias, a condemnação hereditaria da humanidade, e a incapacidade do homem se salvar por seus merecimentos, mas só por obra e graça de J. Christo. Muitos theologos e alguns poucos synodos particulares se haviam já occupado d'esta materia: nenhum concilio ecumenico a definira ainda. Um concilio verdadeiramente liberal deixava essa questão na sombra, no indefinido, não prendia a liberdade e a dignidade humanas com essa algema: o Concilio de Trento fez d'essa definição o prologo dos seus trabalhos. Convinha-lhe, logo no começo, condemnar sem appellação a Razão humana, e dar essa base ao seu edificio. Assim o fez. D'então para cá, ficou dogmaticamente estabelecido no mundo catholico que o homem deve ser um corpo sem alma, que a vontade individual é uma suggestão diabolica, e que para nos dirigir basta o Papa em Roma e o confessor á cabeceira. *Perinde ac cadaver*, dizem os estatutos da Companhia de Jesus.

Na sessão 13.ª confirma-se e precisa-se o dogma da Eucharistia, ja definido, ainda que vagamente, no 4.º concilio de Latrão, e vibra-se o anathema sobre quem não crer na *presença real* de Christo no pão e no vinho depois da consagração. E' mais um passo (e este decisivo) para fazer entrar o christianismo no caminho da idolatria, para collocar o divino no absurdo. Poucos dogmas contribuiram tanto como este materialismo da *presença real* para embrutecer o novo povo, para fazer

eviver n'elle os instinctos pagãos, para lhe sophismar a razão natural! Parece que era isto o que o concilio desejava!

Na sessão 14.ª trata-se detidamente da Confissão. A confissão existia ha muito na Igreja, mas comparativamente livre e facultativa. No 4.º concilio de Latrão restringira-se ja bastante essa liberdade. Na sessão 14.ª de Trento é a consciencia christã definitivamente encarcerada. Sem confissão não ha remissão de peccados! A alma é incapaz de communicar com Deos, senão por intermedio do padre! Estabelece-se a obrigação dos fieis se confessarem em epocas certas, e exortam-se a que se confessem o mais que possam. Funda-se aqui o poder, tão temivel quanto misterioso, do confessionario. Apparece um typo singular: o *director espiritual*. D'ahi por diante ha sempre na familia, immovel á cabeceira, invisivel mas sempre presente, um vulto negro que separa o marido da mulher, uma vontade occulta que governa a casa, um intruso que manda mais do que o dono. Quem ha aqui, hespanhol ou portuguez, que não conheça este estado deploravel da familia, com um chefe secreto, em regra, hostil ao chefe visivel? quem não conhece as desordens, os escandalos, as miserias introduzidas no lar domestico pela porta do confessionario? O concilio não queria isto, de certo: mas fez tudo quanto era necessario para que isto acontecesse.

Na parte disciplinar e nas relações da Igreja com o Estado, predomina o mesmo espirito de absolutismo, de concentração, de invasão de todos os direitos. Na sessão 5.ª, tornam-se as Ordens regulares independentes dos Bispos, e quasi exclusivamente dependentes de Roma. Que arma esta na mão do Papado, que ja de si não era mais do que uma arma na mão do Jesuitismo! Na sessão 13.ª só o Papa, pelos seus commis-

sarios, pode julgar os bispos e os padres. E' a impunidade para o clero! Na sessão 4.ª põem-se restricções á leitura da Biblia pelos seculares, restricções taes que equivalem a uma verdadeira prohibição. Ora, o que é isto senão a suspeição da Razão humana, condemnada a pensar e a ler pelo pensamento e pelos olhos de meia duzia de eleitos? Nas sessões 7.ª, 9.ª, 18.ª, 24.ª, estabelecem-se igualmente disposições tendentes todas a sujeitar os governos, a impor aos povos a policia romana, apagando implacavelmente por toda a parte os ultimos vestigios das Igrejas nacionaes. Finalmente, a superioridade do Papa sobre os Concilios triumpha nas sessões 23.ª e 25.ª, pela bocca do jesuita Lainez, inspirador e alma do concilio... se é permittido, ainda methaforicamente, fallando d'um jesuita, empregar a palavra alma.... A redacção d'um Cathecismo vem coroar esta obra de alta politica. Com esse Cathecismo, imposto por toda a parte e por todos os modos aos espiritos moços e simples, tratou-se de matar a liberdade no seu germen, de absorver as gerações nascentes, de as deformar e torturar, comprimindo-as nos moldes estreitos d'uma doutrina secca, formal, escolastica e subtilmente inintellegivel. Se se conseguio ou não esse resultado funesto, respondam umas poucas de nações moribundas, enfermas da peior das enfermidades, a atrophia moral!

Sim, meus senhores! essa machina temerosa de compressão, que foi o catholicismo depois do concilio de Trento, que podia ella offerecer aos povos? A intolerancia, o embrutecimento, e depois a morte! Tomo tres exemplos. Seja o primeiro a Guerra dos Trinta annos, a mais cruel, mais friamente encarniçada, mais systematicamente destruidora de quantas tem visto os tempos modernos, e que por pouco não aniquila a Allemanha. Essa guerra, provocada pelo partido catho-

ico, e por elle dirigida com uma perseverança infernal, mostrou bem ao mundo que abysmos de odio podem occultar palavras de paz e religião. O padre não dirigia somente, assistia á execução. Cada general trazia sempre comsigo um *director* jesuita: e esses generaes chamavam-se Tilly, Picolomini, os mais endurecidos dos verdugos! Salvou então a Allemanha e a Europa a firmeza indomavel d'um coração tão grande quanto puro, sereno em face d'essas hordas fanaticas. O verdadeiro heroe (e unico tambem) d'essa guerra maldita, o verdadeiro santo d'esse periodo tenebroso, é um protestante, Gustavo Adolpho. Em quanto ao Papa, esse applaudia a matança! O segundo exemplo é a Italia. O terror que inspirava ao Papado a criação em Italia d'um Estado forte, que lhe pozesse uma barreira á ambição crescente de dia para dia, tornou-o o maior inimigo da unidade italiana. E' o Papado quem semeia a discordia entre as cidades e os principes italianos, sempre que tentam ligar-se. E' o Papado quem convida os estrangeiros a descerem os Alpes, na cruzada contra as forças nacionaes, cada vez que parecem querer organisar-se. «O Papado, diz Edgard Quinet, tem sido um ferro sagrado na ferida da Italia, que a não deixa sarar.» Hoje mesmo, se essa suspirada unidade se consumou, não foi no meio das maldições e coleras do clero e de Roma? O unico pensamento, que hoje absorve o Papado, é desmanchar aquella obra nacional, chamar sobre ella os odios do mundo, o ferro estrangeiro, podendo ser; é assassinar a Italia resuscitada! Estes factos são por todos sabidos. O que talvez nem todos saibam é o papel que o catholicismo representou no assassinato da Polonia. «A intolerancia dos jesuitas e ultramontanos, diz Emilio de Lavelaye, foi a causa primaria do desmembramento e queda da Polonia.» Esta nação heroica, mas pouco organisada, ou antes,

pouco unificada, era uma especie de federação de pequenas nacionalidades, com costumes e religiões differentes. Encravada entre monarchias poderosas e ambiciosas, como a Austria, a Russia e a Turquia d'então, a Polonia só podia viver pela liberdade politica, e sobre tudo pela tolerancia religiosa, que conservasse amigos e unidos contra o inimigo commum os grupos autonomicos de que se compunha. A essa tolerancia deveu ella, com effeito, a força e importancia que teve na historia da Europa até ao seculo 17.º: catholicos, gregos scismaticos, protestantes, socinianos viveram muito tempo como irmãos, n'uma sociedade verdadeiramente christã porque era verdadeiramente tolerante. Um dia, porém, os jesuitas, lá do centro de Roma, olharam para a Polonia como para uma boa preza. Aquella nação era effectivamente um escandalo para os bons padres. Tanto intrigaram, que em 1570 tinham já logrado introduzir-se na Polonia: o rei Estevão Bathory concede-lhes, com uma culpavel imprudencia, a universidade de Wilna. Senhores do ensino, e em breve das consciencias da nobreza catholica, os jesuitas são um poder: começam as perseguições religiosas. Em 1648, João Casimiro, que antes de ser rei fôra cardeal e jesuita, quer obrigar os camponezes ruthenios, sectarios do schisma grego, a converterem-se ao catholicismo. Estes levantam-se, unem-se aos cossacos, tambem do rito grego, e começa uma guerra formidavel, cujo resultado foi separarem-se cossacos e ruthenios da federação polaca, dando-se á Russia, em cujas mãos se tornaram uma arma terrivel sempre apontada ao coração da Polonia. Nunca esta nação teve inimigos tão encarniçados como os cossacos! Sem elles, a Polonia, enfraquecida entre visinhos formidaveis, devia cair, e caío effectivamente. A partilha expoliadora de 1772 não fez mais do que confirmar um facto já antigo, a nullidade da nação polaca.

Assim pois, meus senhores, o catholicismo dos ultimos 3 seculos, pelo seu principio, pela sua disciplina, pela sua politica, tem sido no mundo o maior inimigo das nações, e verdadeiramente o tumulo das nacionalidades. «O antro da Esphinge, disse d'elle um poeta philosopho, reconhece-se logo á entrada pelos ossos dos povos devorados.»

E a nós, hespanhoes e portuguezes, como foi que o catholicismo nos annullou? O catholicismo pesou sobre nós por todos os lados, com todo o seu peso. Com a Inquisição, um terror invisivel paira sobre a sociedade: a hipocrisia torna-se um vicio nacional e necessario: a delação é uma virtude religiosa: a expulsão dos Judeus e Moiros empobrece as duas nações, paralisa o commercio e a industria, e dá um golpe mortal na agricultura em todo o Sul da Hespanha: a perseguição dos *christãos novos* faz desapparecer os capitaes: a Inquisição passa os mares, e, tornando-nos hostis os indios, impedindo a fusão dos conquistadores e dos conquistados, torna impossivel o estabelecimento d'uma colonisação solida e duradoira: na America despovoa as Antilhas, apavora as populações indigenas, e faz do nome de christão um symbolo de morte: o terror religioso, finalmente, corrompe o caracter nacional, e faz de duas nações generosas, hordas de fanaticos endurecidos, o horror da civilisação. Com o Jesuitismo desapparece o sentimento christão, para dar logar aos sophismas mais deploraveis a que jámais desceu a consciencia religiosa: methodos de ensino, ao mesmo tempo brutaes e requintados, esterilisam as intelligencias, dirigindo-se á memoria, com o fim de matarem o pensamento inventivo, e alcançam alhear o espirito peninsular do grande movimento da sciencia moderna, essencialmente livre e creadora: a educação jesuitica faz das classes elevadas machinas inintelligentes e passivas; do povo, fanaticos

corruptos e crueis: a funesta moral jesuitica, explicada (e praticada) pelos seus *casuistas*, com as suas restricções mentaes, as suas subtilezas, os seus equivocos, as suas condescendencias, infiltrar-se por toda a parte, como um veneno lento, desorganisa moralmente a sociedade, desfaz o espirito de familia, corrompe as consciencias com a oscilação continua da noção do dever, e aniquila os caracteres, sophismando-os, amolecendo-os: o ideal da educação jesuitica é um povo de crianças mudas, obedientes e imbecis; realisou-o nas famosas Missões do Paraguay; o Paraguay foi o *reino dos ceus* da Companhia de Jesus; perfeita ordem, perfeita devoção; uma coisa só faltava, a alma, isto é, a dignidade e a vontade, o que distingue o homem da animalidade! Eram estes os beneficios que levavamos ás raças selvagens da America, pelas mãos civilisadoras dos padres da Companhia! Por isso o genio livre popular decaío, adormeceu por toda a parte; na arte, na litteratura, na religião. Os santos da epoca já não tem aquelle caracter simples, ingenuo dos verdadeiros santos populares: são frades beatos, são jesuitas habeis. Os sermonarios e mais livros de devoção, não sei porque lado sejam mais vergonhosos; se pela nullidade das idêas, pela baixeza do sentimento, ou pela puerilidade ridicula do estylo. Em quanto á arte e litteratura, mostrava-se bem clara a decadencia n'aquellas massas estupidas de pedra da architectura jesuitica, e na poesia convencional das academias, ou nas odes ao divino e jaculatorias fradescas. O genio popular, esse morrêra ás mãos do clero, como com tanta evidencia o deixou demonstrado nos seus recentes livros, tão cheios de novidades, sobre a Litteratura portugueza, o snr. Theophilo Braga. Os costumes saídos d'esta escola sabemos nós o que foram. Já citei a *Arte de Furtar*, os *Romances picarescos*, as *Farças populares*, o *Theatro hespanhol*, os escriptos de

D. Francisco Manoel e do Cavalleiro de Oliveira. Na falta d'estes documentos, bastava-nos a tradição, que ainda hoje reza dos escandalos d'essa sociedade aristocratica e clerical! Essa funesta influencia da direcção catholica não é menos visivel no mundo politico. Como é que o absolutismo espiritual podia deixar de reagir sobre o espirito do poder civil? O exemplo do despotismo vinha de tão alto! os reis eram tão religiosos! Eram por excellencia os reis *catholicos, fidelissimos*. Nada forneceu pelo exemplo, pela auctoridade, pela doutrina, pela instigação, um tamanho ponto de apoio ao poder absoluto como o espirito catholico e a influencia jesuitica. N'esses tempos santos, os verdadeiros ministros eram os confessores dos reis. A escolha do confessor era uma questão de Estado. A paixão de dominar, e o orgulho criminoso de um homem, apoiava-se na palavra divina. A theocracia dava a mão ao despotismo. Essa direcção via-se claramente na politica externa. A politica, em vez de curar dos interesses verdadeiros do povo, de se inspirar d'um pensamento nacional, traía a sua missão, fazendo-se instrumento da *politica catholica romana*, isto é, dos interesses, das ambições d'um estrangeiro. D. Sebastião, o discipulo dos jesuitas, vai morrer nos areaes de Africa *pela fe catholica*, não pela nação portugueza. Carlos 5.º, Filippe 2.º poem o mundo a ferro e fogo, por que? pelos interesses hespanhoes? pela grandeza de Hespanha? Não: pela grandeza e pelos interesses de Roma! Durante mais de 70 annos, a Hespanha, dominada por estes dois inquizidores coroados, dá o melhor do seu sangue, da sua riqueza, da sua actividade, para que o Papa désse outra vez leis á Inglaterra e á Allemanha. Era essa a *politica nacional* d'esses reis famosos: eu chamo a isto simplesmente trair as nações.

Tal é uma das causas, senão a principal, da deca-

dencia dos povos peninsulares. Das influencias deleteréas nenhuma foi tão universal, nenhuma lançou tão fundas raizes. Ferio o homem no que ha de mais intimo, nos pontos mais essenciaes da vida moral, no crer, no sentir — no *ser:* envenenou a vida nas suas fontes mais secretas. Essa transformação da alma peninsular fez-se la em tão intimas profundidades, que tem escapado ás maiores revoluções; passam por cima d'essa região quasi inaccessivel, superficialmente, e deixam-na na sua inercia secular. Ha em todos nós, por mais modernos que queiramos ser, ha la occulto, dissimulado, mas não inteiramente morto, um beato, um fanatico ou um jesuita! Esse moribundo que se ergue dentro em nós é o inimigo, é o passado. E' preciso enterral-o por uma vez, e com elle o espirito sinistro do catholicismo de Trento.

Esta causa actuou principalmente sobre a vida moral: a segunda, o Absolutismo, apezar de se reflectir no estado dos espiritos, actuou principalmente na vida politica e social. A historia da transformação das monarchias peninsulares é longa, e, para a minha pouca sciencia, obscura e até certo ponto desconhecida: não a poderia eu fazer aqui. Basta dizer que o caracter d'essas monarchias durante a Idade-Media contrasta singularmente com o que lhes encontramos no seculo 16.º e nos seguintes. Os reis então não eram absolutos; e não o eram, porque a vida politica local, forte e vivaz, não só não lhes deixava um grande circulo de acção, mas ainda, dentro d'esse mesmo circulo, lhes oppunha á expansão da auctoridade embaraços e uma continua vigilancia. Os privilegios da nobreza e do clero, por um lado, e, pelo outro, as instituições populares, os municipios, as communas, equilibravam com mais ou menos oscilações o peso da coroa. Para as questões summas, para os momentos de crise, la estavam as Côrtes, aon-

de todas as classes sociaes tinham representantes e voto. A liberdade era então o estado normal da Peninsula.

No seculo 16.°, tudo isto mudou. O poder absoluto assenta-se sobre a ruina das instituições locaes. Abaixou a nobreza, é verdade, mas só em proveito seu: o povo pouco lucrou com essa revolução. O que é certo é que perdeu a liberdade. A vida municipal afrouxa gradualmente: as communas hespanholas, depois d'um sangrento protesto, caem exanimes aos pés d'um rei, que nem siquer era inteiramente hespanhol. As instituições locaes, cerceadas por todos os lados, sentem faltar-lhes em volta o ar, e o chão debaixo de si. Quem poderá jamais contar essas invasões surdas, insensiveis do poder real no terreno do povo, essas lutas subterraneas, as abdicações successivas da vontade nacional nas mãos d'um homem, as resistencias infelizes, a longa e cruel historia do desapparecimento dos fóros populares? E' uma historia tão triste quanto obscura, que ninguem fez nem fará jamais! Vê-se o desfeixo do drama: os incidentes escapam-nos. Mas ao lado d'essa luta surda, houve outra manifesta, cuja historia se erguerá sempre como um espectro vingador, para accusar a realeza. Essa luta é a grande guerra *communera* das cidades hespanholas. Vencidas, esmagadas pela força, as cidades hespanholas encontraram um heroe, de cujo peito saío ardente um protesto, que será eterno como a condemnação de quem o provocou. Eis aqui o que D. Juan de Padilla, chefe dos *communeros*, escrevia á sua cidade de Toledo, horas antes de ser decapitado. «A ti, cidade de Toledo, que és a coroa de Hespanha, e a luz do mundo, que já no tempo dos Godos eras livre, e que prodigalisaste o teu sangue para assegurar a tua liberdade e a das cidades tuas irmans, Juan de Padilla, teu filho legitimo, te faz saber que pelo sangue do seu corpo mais

uma vez vão ser renovadas as tuas antigas victorias...”
A cabeça de Padilla rolou, e com elle, decapitada tambem, caío a antiga liberdade municipal. A centralisação monarchica, pesada, uniforme, caio sobre a Peninsula como a pedra d'um tumulo. A respiração de milhares de homens suspendeu-se, para se concentrar toda no peito de um homem excepcional, de quem o acaso do nascimento fazia um deos. Se, ao menos, esse deos fosse propicio, bom, providencial! Mas a centralisação do absolutismo, prostrando o povo, corrompia ao mesmo tempo o rei. D. João 3.º, esse rei *fanatico e de ruim condição*, Filippe 2.º, o *demonio do Meio-dia*, inquisidor e verdugo das nações, Filippe 3.º, Carlos 4.º, João 5.º, Afonso 6.º, devassos uns, outros desordeiros, outros ignorantes e vis, são bons exemplos da realeza absoluta, infatuada até ao vicio, até ao crime, do orgulho do proprio poder, possessa d'aquella *loucura cesariana*, com que a natureza faz expiar aos despotas a desigualdade monstruosa, que os põe como que fóra da humanidade. A taes homens, sem garantias, sem inspecção, confiaram as nações cegamente os seus destinos! Se Filippe 2.º não fosse absoluto, jamais teria podido tentar o seu absurdo projecto de conquistar a Inglaterra, não teria feito sepultar nas agoas do oceano, com a *invencivel armada*, milhares de vidas e um capital prodigioso inteiramente perdido. Se D. Sebastião não fosse absoluto, não teria ido enterrar em Alcacer Kebir a nação portugueza, as ultimas esperanças da patria.

Outras monarchias, a franceza por exemplo, sujeitavam o povo, mas ajudavam por outro lado o seu progresso. Aristocraticas pelas raizes, tinham pelos frutos muito de populares. A *burguezia*, a quem estava destinado o futuro, erguia-se, começava a ter voz. As nossas monarchias, porém, tiveram um caracter exclusivamente aristocratico: eram-no pelo principio, e eram-no

pelos resultados. Governava-se então pela nobreza e para a nobreza. As consequencias sabemol-as nós todos. Pelos morgados, vinculou-se a terra, criaram-se immensas propriedades. Com isto, annullou-se a classe dos pequenos proprietarios; a grande cultura sendo então impossivel, e desapparecendo gradualmente a pequena, a agricultura caío; metade da Peninsula transformou-se n'uma charneca: a população decresceu, sem que por isso se aliviasse a miseria. Por outro lado, o espirito aristocratico da monarchia, oppondo-se naturalmente aos progressos da classe media, impedio o desenvolvimento da *burguezia*, a classe moderna por excellencia, civilisadora e iniciadora, ja na industria, ja nas sciencias, já no commercio. Sem ella, o que podiamos nós ser nos grandes trabalhos com que o espirito moderno tem transformado a sociedade, a intelligencia e a natureza? O que realmente fomos; nullos, graças á monarchia aristocratica! Essa monarchia, acostumando o povo a servir, habituando-o á inercia de quem espera tudo de cima, obliterou o sentimento instinctivo da liberdade, quebrou a energia das vontades, adormeceu a iniciativa; quando mais tarde lhe déram a liberdade, não a comprehendeu; ainda hoje a não comprehende, nem sabe usar d'ella. As revoluções podem chamar por elle, sacudil-o com força: continúa dormindo sempre o seu somno secular! A estas influencias deletereas, a estas duas causas principaes de decadencia, uma moral e outra politica, junta-se uma terceira, de caracter sobre tudo economico: as Conquistas. Ha dois seculos que os livros, as tradições e a memoria dos homens, andam cheios d'essa epopeia guerreira, que os povos peninsulares, atravessando oceanos desconhecidos, deixaram escripta por todas as partes do mundo. Embaláram-nos com essas historias: atacal-as é quasi um sacrilegio. E todavia esse brilhante poema em acção foi uma das maio-

res causas da nossa decadencia. E' necessario dizel-o, em que peze aos nossos sentimentos mais cáros de patriotismo tradicional. Tanto mais que um erro economico não é necessariamente uma vergonha nacional. No ponto de vista heroico, quem póde negal-o? foi esse movimento das conquistas hespanholas e portuguezas um relampago brilhante, e por certos lados sublime, da alma intrepida peninsular. A moralidade subjectiva d'esse movimento é indiscutivel perante a historia: são do dominio da poesia, e sel-o-hão sempre, acontecimentos que puderam inspirar a grande alma de Camões. A desgraça é que esse espirito guerreiro estava deslocado nos tempos modernos: as nações modernas estão condemnadas a não fazerem poesia, mas sciencia. Quem domina não é ja a musa heroica da epopea: é a Economia Politica, Caliope d'um mundo novo, senão tão bello, pelo menos mais justo e logico do que o antigo. Ora, é á luz da Economia Politica que eu condemno as Conquistas e o espirito guerreiro. Quizemos refazer os tempos heroicos na edade moderna: enganámo-nos; não era possivel; caímos. Qual é, com effeito, o espirito da idade moderna? é o espirito de *trabalho* e de *industria:* a riqueza e a vida das nações teem de se tirar da actividade productora, e não ja da guerra esterilisadora. O que sae da guerra não só acaba cedo, mas é alem d'isso um capital morto, consumido sem resultado. E' necessario que o trabalho, sobre tudo a industria agricola, o fecunde, lhe dê vida. Domina todo este assumpto uma lei economica, formulada por Adão Smith, um dos paes da sciencia, nas seguintes palavras: «o capital adquirido pelo commercio e pela guerra só se torna real e productivo quando se fixa na cultura da terra e nas outras industrias." Vejamos o que tem feito a Inglaterra com a India, com a Australia, e com o commercio do mundo. Explora, combate: mas a riqueza

dquirida fixa-a no seu solo, pela sua poderosa industria, e pela sua agricultura, talvez a mais florescente do mundo. Por isso a prosperidade da Inglaterra ha dois seculos tem sido a admiração e quasi a inveja das nações. Pelo contrario, nós, portuguezes e hespanhoes, que destino démos ás prodigiosas riquezas extorquidas aos povos estrangeiros? Respondam a nossa industria perdida, o commercio arruinado, a população diminuida, a agricultura decadente, e esses desertos da Beira, do Alemtejo, da Estremadura hespanhola, das Castellas, aonde se não encontra uma arvore, um animal domestico, uma face humana!

Um exemplo, o da agricultura portugueza antes e depois do seculo 16.°, porá em evidencia, com factos significativos, essa influencia perniciosa do espirito de conquista no mundo economico. Esses factos são extrahidos de tres obras, cuja auctoridade é incontestavel: a *Memoria* historica de Alexandre de Gusmão sobre a Agricultura portugueza; o livro de Camillo Pallavicini *La economia agraria del Portogallo;* e a *Historia da Agricultura em Portugal,* pelo snr. Rebello da Silva. Uma coisa que impressiona quem estuda os primeiros seculos da monarchia portugueza é o caracter essencialmente agricola d'essa sociedade. Os cognomes dos reis, o *povoador*, o *lavrador*, já por si são altamente significativos. No meio das guerras, e apezar da imperfeição das instituições, a população crescia, e a abundancia generalisava-se. A arborisação do paiz desenvolvia-se, a charneca recuava diante do trabalho. As armadas, que mais tarde dominaram os mares, saíram das matas semeadas por D. Diniz. No reinado de D. Fernando era Portugal um dos paizes que mais exportavam. A Castella, a Galliza, a Flandres, a Allemanha forneciam-se quasi exclusivamente de azeite portuguez; a nossa prosperidade agricola era sufficiente para abastecer tão vas-

tos mercados. O commercio dos cereaes era consideravel. No seculo XV vinham os navios venezianos a Lisboa e aos portos do Algarve, trazendo as mercadorias do Oriente, e levando em troca cereaes, peixe salgado, e frutas secas, que espalhavam depois pela Dalmacia e por toda a Italia. Sustentavamos tambem um activo commercio com a Inglaterra. As classes populares desenvolviam-se pela abundancia e o trabalho, a população crescia. No tempo de D. João 2.º chegára a população a muito perto de tres milhões de habitantes... Basta comparar este algarismo com o da população em 1640, que escassamente excedia um milhão, para se conhecer que uma grande decadencia se operou durante este intervalo!

Déra-se, com effeito, durante o seculo 16.º, uma deploravel revolução nas condições economicas da sociedade portugueza, revolução sobre tudo devida ao novo estado de coisas criado pelas conquistas. O proprietario, o agricultor deixam a charrua e fazem-se soldados, aventureiros: atravessam o oceano, á procura de gloria, de posição mais brilhante ou mais rendosa. Atrahida pelas riquezas acumuladas nos grandes centros, a população rural afflue para ali, abandona os campos, e vem augmentar nas capitaes o contingente da miseria, da domesticidade ou do vicio. A cultura diminue gradualmente. Com essa diminuição, e com a depreciação relativa dos metaes preciosos pela affluencia dos thesouros do Oriente e America, os cereaes chegam a preços fabulosos. O trigo, que em 1460 valia 10 reis por alqueire, tem subido, em 1520, a 20 reis, 30 e 35! Por isso o preço nos mercados estrangeiros nem siquer póde cobrir o custo originario: a concorrencia d'outras nações, que produziam mais barato, esmaga-nos. Não só deixamos de exportar, mas passâmos a importar: «do reinado de D. Manoel em diante, diz Alex. de Gus-

mão, somos sustentados pelos estrangeiros." Esse sustento podiam-no pagar os grandes, que a India e o Brazil enriqueciam. A multidão, porém, morria de fome. A miseria popular era grande. A esmola á portaria dos conventos e casas fidalgas passou a ser uma instituição. Mendigavam aos bandos pelas estradas. A tradição, n'um symbolo terrivelmente expressivo, apresenta-nos Camões, o cantor d'essas glorias que nos empobreciam, mendigando para sustentar a velhice triste e desalentada. E' uma imagem da nação. As chronicas fallam-nos de grandes fomes. Por tudo isto, decrescia a olhos vistos a população. Que remedio se procura a este mal? um mal incomparavelmente maior: a escravidão! Tenta-se introduzir o trabalho servil nas culturas, com escravos vindos da Africa! Felizmente não passou de tentativa. Era a transformação d'um paiz livre e civilisado, n'uma coisa monstruosa, uma oligarchia de *senhores de roça!* a barbaridade dos devastadores da America, transportada para o meio da Europa! Com estes elementos o que se podia esperar da industria? uma decadencia total. Não se fabrica, não se cria: basta o ouro do Oriente para pagar a industria dos outros, enriquecendo-os, instigando-os ao trabalho productivo, e ficando nós cada vez mais pobres, com as mãos cheias de thesouros! Importavamos tudo: de Italia, sedas, veludos, brocados, massas: de Alemanha, vidro: de França, panos: de Inglaterra e Hollanda, cereaes, lans, tecidos. Havia então uma unica industria nacional... a India! Vae-se á India buscar um nome e uma fortuna, e volta-se para para gozar, dissipar esterilmente. A vida concentra-se na capital. Os nobres deixam os campos, os solares dos seus maiores, aonde viviam em certa communhão com o povo, e veem para a côrte brilhar, ostentar... e mendigar nobremente. O fidalgo faz-se cortezão: o homem do povo, não podendo já ser trabalhador, faz-se lacaio: a libré é o sello da sua decadencia. A criada-

gem d'uma casa nobre era um verdadeiro estado. O luxo da nobreza tinha alguma coisa de oriental. Do luxo desenfreado, ao vicio, á corrupção, mal dista um passo. A paixão do jogo estendeu-se terrivelmente: jogava-se nas tavolagens, e jogava-se nos palacios. O ocio, acendendo as imaginações, levava pelo galanteio ás intrigas amorosas, ás aventuras, ao adulterio, e arruinava a familia. Lisboa era uma capital de fidalgos ociosos, de plebeus mendigos, e de rufiões.

Ao longe, fóra do paiz, fóram outras as consequencias do espirito de conquista, mas igualmente funestas. A escravatura (alem de todas as suas deploraveis consequencias moraes) esterilisou pelo trabalho servil. Só o trabalho livre é fecundo: só os resultados do trabalho livre são duradoiros. Das colonias, que os Europeus fundaram no Novo Mundo, quaes prosperaram? quaes ficaram estacionarias? Prosperaram na razão directa do trabalho livre: o Norte dos Estados-Unidos mais do que o Sul: os Estados-Unidos mais do que o Brazil. E essa joven Australia, cuja população duplica todos os 10 annos, que já exporta para a Europa os seus productos, cujas instituições são ja hoje modelo e inveja para os povos civilisados, e que será antes de um seculo uma das maiores nações do mundo, a que deve ella essa prosperidade phenomenal, senão ao influxo maravilhoso do trabalho livre, n'uma terra que ainda não pisou o pé d'um homem, que se não dissesse livre? A Australia tem feito em menos de 100 annos de liberdade o que o Brazil não alcançou com mais de tres seculos de escravatura! Fomos nós, foram os resultados do nosso espirito guerreiro, quem condemnou o Brazil ao estacionamento, quem condemnou á nullidade toda essa costa de Africa, em que outras mãos podiam ter talhado á larga uns poucos de imperios! Esse espirito guerreiro, com os olhos fitos na luz de uma falsa gloria, desdenha, desacredita, envilece o trabalho manual — o tra-

.o manual, a força das sociedades modernas, a sal-
io e a gloria das futuras... Mas um fantastico idea-
ɩo perturba a alma do guerreiro: não distingue en-
interesse honroso e interesse vil: só as grandes ac-
s de esforço heroico são bellas a seus olhos: para
a industria pacifica é só propria de mãos servis. A
dição, que nos apresenta D. João de Castro, depois
ıma campanha em Africa, retirando-se á sua quinta de
ıtra, aonde se dava áquella *extranha e nova agricul-
ra* de cortar as arvores de fruto, e plantar em logar
ellas arvores silvestres, essa tradição deu-nos um per-
ito symbolo do espirito guerreiro no seu desprezo pela
dustria. Portugal, o Portugal das conquistas, é esse
ıerreiro altivo, nobre e fantastico, que voluntariamen-
arruina as suas propriedades, para maior gloria do
eu absurdo idealismo. E já que fallei em D. João de
'astro, direi que poucos livros teem feito tanto mal ao
spirito portuguez, como aquella biographia do heroe
scripta por Jacintho Freire. J. Freire, que era padre,
que nunca vira a India, e que ignorava tão profundamente
a politica como a economia politica, fez da vida e feitos
de D. J. de Castro, não um estudo de sciencia social, mas
um discurso academico, litterario e muito eloquente, se-
guramente, mas emphatico, sem critica, e animado por
um falso ideal de gloria á antiga, *gloria classica*, atra-
vez do qual nos faz ver continuamente as acções do seu
heroe. Ha dois seculos que lemos todos o D. João de
Castro de Jacintho Freire, e acostumámo-nos a tomar
aquella fantasia de rethorico pelo tipo do verdadeiro he-
roe nacional. Falseámos com isto o nosso juizo, e a cri-
tica d'uma epoca importante. E' preciso que se saiba
que a verdadeira gloria moderna não é aquella: é exa-
ctamente o contrario d'aquella. Uma só coisa ha ali a
aproveitar como exemplo: é a nobreza d'alma d'aquelle
homem magnanimo: mas essa nobreza d'alma deve ser
aplicada pelos homens modernos a outros commetimen-

tos, e d'um modo muito diverso. Foi aquelle genero de heroismo, tão apregoado por J. Freire, que nos arruinou!

Como era possivel, com as mãos cheias de sangue, e os corações cheios de orgulho, iniciar na civilisação aquelles povos atrazados, unir por interesses e sentimentos os vencedores e os vencidos, cruzar as raças, e fundar assim, depois do dominio momentaneo da violencia, o dominio duradoiro e justo da superioridade moral e do progresso? As conquistas sobre as nações atrazadas, por via de regra, não são justas nem injustas. Justificam-nas ou condemnam-nas os resultados, o uso que mais tarde se faz do dominio estabelecido pela força. As conquistas romanas são hoje justificadas pela philosophia da historia, porque criaram uma civilisação superior áquella de que viviam os povos conquistados. A conquista da India pelos inglezes é justa, porque é civilisadora. A conquista da India pelos portuguezes, da America pelos hespanhoes, foi injusta, porque não civilisou. Ainda quando fossem sempre victoriosas as nossas armas, a India ter-nos-hia escapado, porque sistematicamente alheavámos os espiritos, aterravamos as populações, cavavamos pelo espirito religioso e aristocratico um abysmo entre a minoria dos conquistadores e a maioria dos vencidos. Um dos primeiros *beneficios*, que levámos áquelles povos, foi a Inquisição: os hespanhoes fizeram o mesmo na America. As religiões indigenas não eram só escarnecidas, vilipendiadas: eram atrozmente perseguidas. O effeito moral dos trabalhos dos missionarios (tantos d'elles santamente heroicos!) era completamente annullado por aquella ameaça constante do terror religioso: ninguem se deixa converter por uma charidade, que tem a traz de si uma fogueira! A ferocidade dos hespanhoes na America é uma coisa sem nome, sem parallelo nos annaes da bestialidade humana. Dois imperios florescentes desapparecem em menos de 60 annos!

em menos de 60 annos são destruidos dez milhões de homens! dez milhões! Estes algarismos são tragicos: não precisam de commentarios. E todavia, poucas raças se tem apresentado aos conquistadores tão brandas, ingenuas, doceis, promptas a receberem com o coração a civilisação que se lhes impunha com as armas! Bartholomeu de las Casas, bispo de Chiapa, um verdadeiro santo, protestou em vão contra aquellas atrocidades: consagrou a sua vida evangelica á causa d'aquelles milhões de infelizes: por duas vezes passou á Europa, para advogar solemnemente a causa d'elles perante Carlos 5.º Tudo em vão! a obra da destruição era fatal: tinha de se consumar, e consumou-se.

Ha, com effeito, nos actos condemnaveis dos povos peninsulares, nos erros da sua politica, e na decadencia que os colheu, alguma coisa de fatal: é a lei de evolução historica, que inflexivel e impassivelmente tira as consequencias dos principios uma vez introduzidos na sociedade. Dado o catholicismo absoluto, era impossivel que se lhe não seguisse, deduzindo-se d'elle, o absolutismo monarchico. Dado o absolutismo, vinha necessariamente o espirito aristocratico, com o seu cortejo de privilegios, de injustiças, com o predominio das tendencias guerreiras sobre as industriaes. Os erros politicos e economicos saiam d'aqui naturalmente; e de tudo isto, pela transgressão das leis da vida social, saia naturalmente tambem a decadencia sob todas as formas.

E essas falsas condições sociaes não produziram somente os effeitos que apontei. Produziram um outro, que por ser invisivel e insensivel, nem por isso deixa de ser o mais fatal. É o abatimento, a prostração do espirito nacional, pervertido e atrophiado por uns poucos de seculos da mais nociva educação. As causas, que indiquei, cessaram em grande parte: mas os effeitos moraes persistem, e é a elles que devemos attribuir a incerteza, o desanimo, o mal estar da nossa sociedade

contemporanea. Á influencia do espirito catholico, no seu pesado dogmatismo, deve ser attribuida esta indifferença universal pela philosophia, pela sciencia, pelo movimento moral e social moderno, este adormecimento somnambulesco em face da revolução do seculo 19.º, que é quasi a nossa feição caracteristica e nacional entre os povos da Europa. Já não cremos, certamente, com o ardor apaixonado e cego de nossos avós, nos dogmas catholicos: mas continuâmos a fechar os olhos ás verdades descobertas pelo pensamento livre.

Se a Igreja nos incommóda com as suas exigencias, não deixa por isso tambem de nos incommodar a Revolução com as suas lutas. Fomos os portuguezes intollerantes e fanaticos dos seculos 16.º, 17.º, e 18.º: somos agora os portuguezes indifferentes do seculo 19.º Por outro lado, se o poder absoluto da monarchia acabou, persiste a inercia politica das populações, a necessidade (e o gosto talvez) de que as governem, persiste a centralisação e o militarismo, que annullam, que reduzem ao absurdo as liberdades constitucionaes. Entre o *senhor rei* d'então, e os *senhores influentes* de hoje, não ha tão grande differença: para o povo é sempre a mesma a servidão. Eramos *mandados*, somos agora *governados:* os dois termos quasi que se equivalem. Se a velha monarchia desappareceu, conservou-se o velho espirito monarchico: é quanto basta para não estarmos muito melhor do que nossos avós. Finalmente, do espirito guerreiro da nação conquistadora, herdámos um invencivel horror ao trabalho e um intimo desprezo pela industria. Os netos dos conquistadores de dois mundos podem, sem deshonra, consumir no ocio o tempo e a fortuna, ou mendigar pelas secretarias um *emprego*: o que não podem, sem indignidade, é *trabalhar!* uma fabrica, uma officina, uma exploração agricola ou mineira, são coisas improprias da nossa fidalguia. Por isso as melhores industrias nacionaes estão nas mãos

trangeiros, que com ellas se enriquecem, e se riem
ossas pretenções. Contra o trabalho manual, so-
udo, é que é universal o preconceito: parece-nos
ymbolo servil! Por elle sobem as classes democra-
em todo o mundo, e se engrandecem as nações:
preferimos ser uma aristocracia de pobres ociosos,
r uma democracia prospera de trabalhadores. É o
que colhemos d'uma educação secular de tradic-
guerreiras e emphaticas!

D'essa educação, que a nós mesmos démos duran-
res seculos, provem todos os nossos males presen-
As raizes do passado rebentam por todos os lados
nosso solo: rebentam sob forma de sentimentos, de
itos, de preconceitos. Gememos sob o peso dos er-
historicos. A nossa fatalidade é a nossa historia.

Que é pois necessario para readquirirmos o nos-
logar na civilisação? para entrarmos outra vez na
mmunhão da Europa culta? É necessario um esforço
ril, um esforço supremo: quebrar resolutamente com
passado. Respeitemos a memoria dos nossos avós:
nemoremos piedosamente os actos d'elles: mas não os
mitemos. Não sejamos, á luz do seculo 19.°, espec-
ros a que dá uma vida emprestada o espirito do se-
culo 16.° A esse espirito mortal opponhamos franca-
mente o espirito moderno. Opponhamos ao *catholicis-
mo*, não a indifferença ou uma fria negação, mas a ar-
dente affirmação da alma nova, a consciencia livre, a
contemplação directa do divino pelo humano, (isto é,
a fuzão do divino e do humano), a philosophia, a scien-
cia, e a crença no progresso, na renovação incessan-
te da humanidade pelos recursos inexgotaveis do seu
pensamento, sempre inspirado. Opponhamos á *monar-
chia centralisada*, uniforme e impotente, a federação
republicana de todos os grupos autonomicos, de to-
das as vontades soberanas, alargando e renovando a
vida municipal, dando-lhe um caracter radicalmente de-

mocratico, por que só ella é a base e o instrumento natural de todas as reformas praticas, populares, niveladoras. Finalmente, á *inercia industrial*, opponhamos a iniciativa do trabalho livre, a industria do povo, pelo povo, e para o povo, não dirigida e protegida pelo Estado, mas espontanea, não entregue á anarchia cega da concorrencia, mas organisada d'uma maneira solidaria e equitativa, operando assim gradualmente a transição para o novo mundo industrial do socialismo, a quem pertence o futuro. Esta é a tendencia do seculo: esta deve tambem ser a nossa. Somos uma raça decaída por ter rejeitado o espirito moderno: regenerar-nos-hemos abraçando francamente esse espirito. O seu nome é Revolução: revolução não quer dizer guerra, mas sim paz: não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade. Longe de appellar para a insurreição, pretende prevenil-a, tornal-a impossivel: só os seus inimigos, desesperando-a, a podem obrigar a lançar mão das armas. Em si, é um verbo de paz, por que é o verbo humano por excellencia.

Meus senhores: ha 1800 annos appresentava o mundo romano um singular espectaculo. Uma sociedade gasta, que se aluia, mas que, no seu aluir-se, se debatia, lutava, perseguia, para conservar os seus privilegios, os seus preconceitos, os seus vicios, a sua podridão: ao lado d'ella, no meio d'ella, uma sociedade nova, embrionaria, só rica de ideas, aspirações e justos sentimentos, sofrendo, padecendo, mas crescendo por entre os padecimentos. A idea d'esse mundo novo impoe-se gradualmente ao mundo velho, converte-o, transforma-o: chega um dia em que o elimina, e a humanidade conta mais uma grande civilisação.

Chamou-se a isto o Christianismo.

Pois bem, meus senhores: o Christianismo foi a Revolução do mundo antigo: a Revolução não é mais do que o Christianismo do mundo moderno.